



infinita infinito

Maria Nepomuceno

23 maio [may] - **01 agosto** [aug]

Texto de apresentação
[presentation text]

Laura Lima

A Gentil Carioca SP

Travessa Dona Paula, 108

Higienópolis - São Paulo



infinita *infinito*

Maria Nepomuceno

Maria Nepomuceno: O sol entra aqui lavando o espaço e imprime o desenho da própria arquitetura nas paredes. Surgem uns feixes de luz maravilhosos que atravessam o ateliê inteiro. Antes disso aqui ser ateliê, era um terreiro, sabia? E eu gosto muito daquela peça preta e branca ali. Ela era o centro do axé. É um asterisco. Quando eu cheguei, ela já estava no centro desse espaço.

Laura Lima: Ela te zela.

Maria Nepomuceno: Ela me zela.

Laura Lima: E falando em luz... como você pensa a luz no teu trabalho? Porque as obras já pulsam nas próprias cores. Como isso acontece pra você? E quando você prepara uma exposição, como é esse processo? Você cria todas as obras ao mesmo tempo?

Maria Nepomuceno: Eu gosto de uma luz que deixe transparecer um pouco da trama, sabe? Que revele aquilo que está por trás e se soma ao trabalho. E também de uma luz que faça tudo brilhar, porque existem muitos pontos de brilho nas peças. Quando estou preparando uma exposição, faço tudo ao mesmo tempo. É um processo bem abstrato, mas vou reconhecendo alguns elementos e criando relações subjetivas: nessa peça aqui está faltando alguma coisa, então surge um elemento que entra ali. Tudo vai ficando pronto junto. Os trabalhos começam a se relacionar, a criar conexões, a conversar entre si. Fico pulando de um trabalho para outro até encontrar um corpo de trabalho.

Laura Lima: Mesmo podendo estar separados, você consegue reconhecer, dentro dessa abstração, um grupo que chama de corpo?

Maria Nepomuceno: Ah, sim. Raramente tem um trabalho que sinto que foge um pouco do grupo, mas meu trabalho, a vida toda, sempre se organizou em grupos. Sempre houve a criação de organismos em que tudo faz parte de um mesmo universo. Tem a ver com estarem conectados. É um trabalho de desenvolvimento, eles vão de um ao outro. Às vezes volto a certos assuntos que eu deixei lá atrás, que não desenvolvi, e então eu volto.

Laura Lima: Percebo que os seus trabalhos têm uma questão de gravidade. Você sente isso também? Há peças no chão, que você sempre faz, e elas se esparramam; as de parede parecem derreter. A gravidade atua ali quase como uma florescência? E a pintura também é muito forte, não apenas como tinta, mas no próprio objeto em si, que eu vejo como pintura. Não precisa ser só a pintura como objeto de tinta. A pintura já deu um ‘banzai’ nisso há muito tempo, nessa referência forte à parede, a uma coisa aurática, frontal, plana.

Maria Nepomuceno: Sim, eu percebo isso também. Desde os treze anos eu fazia experiências em pintura. A Beatriz Milhazes foi a minha primeira professora no Parque Lage. Eu gostava muito de pintar, mas a pintura não me saciava, não dava conta do que eu queria fazer. E sobre a gravidade, os primeiros trabalhos eram sempre no chão. Aos poucos, eles foram subindo, ganhando força para se levantar e ocupar as paredes. Agora já conseguem se manter na parede, embora ainda tenham esse corpo, o ‘corpo mole’, como eu chamo.

Laura Lima: O corpo mole que entra e sai, volta e dá volta. Eu tenho a sensação que isso é uma fábula da chegada. É como se essas obras fossem um bicho esperto que mimetiza, despista, fica parado para não ser percebido. Então tive a sensação de que todos estavam parados. E ago-

ra, eles parecem se mover, como se fossem dotados de vida, seres que aparecem. No seu trabalho, talvez exista uma potência com o espaço, com a luz. Como se eles realizassem uma espécie de fotossíntese, não ficam encerrados em si mesmos. Além de apontarem uns pros outros, eles tem uma coisa quase lisérgica.

Maria Nepomuceno: Isso vem do próprio movimento de construção, são todos feitos em espiral. As costuras são em espiral dando uma sensação de pulsação. Expandem e contraem, vão para fora e para dentro. A questão do feminino, que aparece muito no meu trabalho, vem das experiências mais importantes e marcantes da minha vida: o meu parto e o parto da minha mãe. Eu persigo essas formas do feminino, principalmente ligadas ao corpo, pensando na gestação, no parto, nas imagens intrauterinas, em tudo isso.

Laura Lima: E isso, para você, é bonito ou traumático?

Maria Nepomuceno: Eu acho bonito. É a minha mitologiazinha, são minhas histórias fundadoras, desde o nascimento. Eu vejo tudo isso com beleza, embora certamente exista também um trauma, porque, durante a gravidez da minha mãe, ela perdeu a mãe dela. Minha avó morreu quando minha mãe estava grávida de sete meses de mim. Eu devo ter absorvido de alguma forma. E tem outra história, muito pon-

tual, que eu adoro: quando eu nasci, minha mãe olhou para mim e disse: “Sou eu!”. Ela me pegou no colo repetindo: “Sou eu, sou eu, sou eu!”. Olha que loucura. E ela contava isso achando divertido.

A coisa da infinitude mesmo, ela me olhou e se viu. O meu trabalho tem muito desse infinito. Não começa, não termina. Outra história super forte foi ela ter enterrado o meu cordão umbilical na terra. Ela contava: “Enterrei seu cordão no Jequitibá Rosa.” Acho que por isso eu comecei do chão, sabe? Brotando de um feminino visceral, fértil no sentido de geração de vida.

Laura Lima: De continuidade, de fluxo, de giros, de elipses, de pesos, de trepadeira, fazendo força pra ir pra outra parte do espaço. Uma matéria que se transforma em outra matéria, ou que abraça outra matéria.

Maria Nepomuceno: Isso. É o trabalho que está sempre se adaptando, tentando se encontrar. Eu sinto que existe um trabalho contínuo. Não é sempre a mesma exposição, mas tem uma continuidade, uma linha. Todos os trabalhos têm linha, contas de colar, transformações de cores que passam lentamente de uma pra outra. Existe um fio que atravessa tudo, não há dúvida. Todas as exposições estão conectadas mas vão mudando.

Laura Lima: E essa linha tem começo?

Maria Nepomuceno: Nem tem começo, nem tem fim. Cada vez mais eu gosto de fazer essas passagens lentas de cor. Naquele centro, por exemplo, há um branco que vai passando para o rosa, depois para o azul, salpicado por pequenas contas que seguem até a borda, quase uma explosão, mas em câmera lenta. Começa ali, no laranja e no rosa, e vai se transformando em vermelho, rosa, azul. Vai se expandindo devagar.

Laura Lima: Como você os vê? Porque eles são muito bonitos, mas para você são bonitos ou carregam também uma estranheza? Eu pergunto porque antes falei de trauma e você disse que não era trauma. Eles são bonitos? Você acha que vibram? Eles são da beleza, eles são da ornamentação? Eles são da sedução?

Maria Nepomuceno: São organismos que gostam de provocar desejo. São da sedução, do encontro, da conexão. Criar conexões é sobre troca, ciclos, transformação. As obras pulsam como seres se expandindo e contraindo. Alguns têm também brilho como cor, porque misturam partes brilhantes com outras bem opacas da cerâmica. E eu comecei a fazer as bolinhas de cerâmica em casa, porque sempre dá para complicar um pouco mais. [risos]

Laura Lima: É, você não estava satisfeita em achar que já tinha usado todas as que existem! E quando você terminar essa exposição, acha que a próxima já vai ter alguma coisa te chamando? Quer dizer, para a gente, o trabalho está ali na nossa frente, se movendo, meio carnívoro, e a gente encontra ele, então, para nós, é ali que começa. Você vai começar de novo ou vai levar um pouco da exposição anterior?

Maria Nepomuceno: É, existem assuntos daqui que eu levo para a próxima exposição, tentando desenvolver algumas coisas ou dar outros sentidos. Por exemplo, a questão das cores e a forma como eu comecei também como processo. O processo de fazer também vai mudando, e isso se reflete no que é mostrado. Eu comecei com cores muito quentes, muito vermelhas, e depois fui trazendo outras cores. Foi uma forma diferente de começar o processo. Então, às vezes eu começo pela cor e não pelo assunto que quero tratar. Tem uma corporeidade de escultura com uma construção cromática de pintura.

Laura Lima: E, considerando suas exposições fora, alguém já te devolveu como essas referências são percebidas? O que as pessoas veem nelas, essa dimensão de ornamentação, de brilho, uma certa coisa carnavalesca?

Maria Nepomuceno: Eu acho importante falar que existe uma influência do carnaval no meu trabalho, com certeza. E é uma história que eu gosto muito, porque as pessoas logo pensam: “ah, você é do Rio de Janeiro”. Eu realmente amo carnaval, mas essa influência não vem da minha vida adulta, de bloco, de escola de samba, nada disso. Vem da infância. Quando eu era pequena, com uns cinco, seis anos, eu passava as férias com meu pai. Ele era do Sul, do Paraná, e tinha uma casa no litoral, numa cidadezinha chamada Antonina. Era uma casa colonial linda, em frente ao mar. E nessa cidadezinha minúscula existiam duas escolas de samba: a Capela e a Batel. O porão da casa do meu pai era o ateliê de costura, o barracão da Capela. Então eu passava as férias dentro de um barracão de uma escola de samba. Era uma cidade pequena, mas não tinha blocos, eram duas escolas de samba mesmo, com alas, bateria, muitas fantasias. Era incrível. Para mim, eram as férias mais divertidas do mundo. Eu ficava ali, mexendo nos materiais, naquele chão todo coberto. Acho que essa relação com o chão não vem só do cordão umbilical enterrado na terra, mas também desses materiais espalhados no chão, muito brilhantes. Eu pegava fantasias, colava, ia fazendo minhas próprias coisas, juntando os materiais que caíam. Essa experiência da infância, de passar as férias nesse barracão, foi determinante para os materiais que eu escolho hoje, para esse brilho, e até para essa referência do carnaval, que, no fim, vem muito desse momento inicial.

infinita *infinito*

Maria Nepomuceno

Maria Nepomuceno: The sun enters here, bathing the space in light, and it imprints the outline of the building itself on the walls. Some wonderful beams of light appear that cross the entire studio. Did you know this space was a terreiro [an Afro-Brazilian spiritual temple] before it was a studio? And I really like that black and white piece over there. It was the centre of the axé [sacred life energy]. It is an asterisk. When I got here, it was already in the centre of this space.

Laura Lima: It watches over you.

Maria Nepomuceno: It watches over me.

Laura Lima: And speaking of light... What do you think about light in your work? The works already pulsate with their own colours. How does that happen for you? And when you prepare an exhibition, what is that process like? Do you create all the works at the same time?

Maria Nepomuceno: I like the kind of light that lets a bit of the weaving show through, you know? That reveals what lies behind and adds to the work. I also like the kind of light that makes everything shine, because there are many points of brilliance in the pieces. When I am preparing for an exhibition, I do everything at once. It is a very abstract process, but I begin recognizing some elements along the way and creating subjective relationships: this or that piece lacks something, and then an element appears that fits right in. Everything ends up being ready at once. The works start to relate to each other, creating connections, talking amongst themselves. I keep hopping from work to work until I find there is a body of work.

Laura Lima: Even though the works can exist separately, are you able to identify, within that abstraction, a group that you call a body?

Maria Nepomuceno: Oh, yes. It is rare for me to feel that a work deviates a bit from the group, but throughout my life my work has always been organized in groups. There was always the creation of organisms and everything is part of the same universe. This is because they are all connected. It is a developmental process, they move from one to the other. Sometimes I return to certain themes I already left behind, didn't develop, and then I resume them.

Laura Lima: I noticed that your works have to do with gravity. Do you feel that too? There are pieces on the floor, which you always do, and they sprawl; those on the wall seem to melt. Does gravity act there almost like a flowering? And painting also has a very strong presence, not only as paint, but as the object itself, which I see as painting. It doesn't just have to be painting as a painted object. Painting already exorcised that long ago, this strong reference to the wall, to something auratic, frontal, flat.

Maria Nepomuceno: Yes, I sense that too. I have experimented with painting since I was thirteen. Beatriz Milhazes was my first painting teacher at the Parque Lage School of Visual Arts. I really loved painting, but it didn't satiate me, it wasn't enough for what I wanted to do. And about gravity, the first works were always on the floor. Little by little they moved up, gaining strength to rise and occupy the walls. Now they are able to stay on the wall, even though they still have this body, the 'soft body', as I call it.

Laura Lima: The soft body that enters and leaves, comes back and goes around. I have the impression that this is a fable of arrival. It is as if these works were a clever animal that mimics, misleads, stays still to remain unseen. So I had the feeling that they were all still. And now

they seem to be moving, as if they were endowed with life, beings that appear. In your work there is perhaps a potency in the relation with space, with light. As if they reached a kind of photosynthesis, they are not enclosed within themselves. In addition to pointing at each other, they have an almost psychedelic quality.

Maria Nepomuceno: This comes from the movement of creation itself, they are all made in a spiral. The seams are spiraled, giving it a pulsating feeling. They expand and contract, move outward and inward. The question of the feminine, which often appears in my work, comes from the most important and significant experiences of my life: giving birth and my mother giving birth to me. I chase these forms of the feminine that are mainly connected to the body, thinking about gestation, birth, intra-uterine images, about all of that.

Laura Lima: And is this beautiful or traumatic for you?

Maria Nepomuceno: I think it's beautiful. It's my little mythology, these are my founding stories, from when I was born. I see beauty in all of it, although there is certainly some trauma too, because when my mother was pregnant with me she lost her own mother. My grandmother died when my mom was seven months pregnant with me. I must have absorbed that somehow. And there is another very specific story which I love: when

I was born, my mother looked at me and said: “That’s me!” She took me in her arms, repeating: “That’s me, that’s me, that’s me!”. How crazy! And she used to tell me this story and found it amusing. It’s really the idea of infinity, she looked at me and saw herself. My work has a lot of that infinity in it. It doesn’t begin, it doesn’t finish. Another very intense story was the one about burying my umbilical cord in the earth. She’d say: “I buried your umbilical cord under the pink jequitibá tree.” I think that’s why I started from ground level, you know? Sprouting from a visceral, fertile femininity, in the sense of generating life.

Laura Lima: Of continuity, of flow, of spinning, of ellipses, of weights, of vines making the effort of reaching another part of the space. Matter that transforms into other matter, or that embraces other matter.

Maria Nepomuceno: That’s it. It’s the work that is always adapting, trying to find itself. I feel like the work is ongoing. It’s not always the same exhibition, but there is a continuity, a thread. All of the works feature lines, necklace beads, colour transformations that gradually turn from one into another. There is a thread that runs through everything, no doubt about it. All of the exhibitions are connected, but they keep changing.

Laura Lima: And is there a start to this line?

Maria Nepomuceno: There is no start and no end to it. I increasingly like to create these slow colour transitions. For example, in that centre there is a white that gradually turns into pink, then into blue, sprinkled with small beads that trail until the edge, almost in an explosion, but in slow motion. It starts there, in orange and pink, and then becomes red, pink, blue. It expands slowly.

Laura Lima: How do you see them? Because they are very beautiful, but are they just beautiful to you or do they also carry a sense of strangeness? I'm asking because I talked about trauma before and you said it wasn't trauma. Are they beautiful? Do you think they vibrate? Are they objects of beauty, are they decorative? Are they about seduction?

Maria Nepomuceno: They are organisms that enjoy provoking desire. They are about seduction, meeting, connection. Creating connections is about exchange, cycles, transformation. The works pulsate like beings that expand and contract. Some have a brilliance as well as colour, because they mix shiny parts with other opaque parts of the ceramics. I started making the small ceramic balls at home, because we can always complicate things a bit more. [laughs]

Laura Lima: Yes, you weren't satisfied, thinking that you had exhausted all the existing balls! And when you're done with this exhibition, do you think there will already be some next thing beckoning you? I mean, for us the work is there in front of us, moving, kind of carnivorous, and we encounter it, so for us that is where it begins. Will you start again or will you take something of the previous exhibition with you?

Maria Nepomuceno: Yes, there are some subjects from this exhibition which I will carry to the next in an attempt to develop some things or give them other meanings. For example, I see the issue of the colours and the way I started as parts of the process. The making process also changes, and that is reflected in what is on display. I started with very warm, very red colours, and later I introduced other colours. It was a different way of beginning the process. So sometimes I start with colour and not with the subject I want to address. There is a corporeality of sculpture with a chromatic construction of painting.

Laura Lima: Considering your exhibitions abroad, has anybody given you feedback on how these references are perceived? What do people see in them, in this ornamental, brilliant dimension, a somewhat carnivalesque thing?

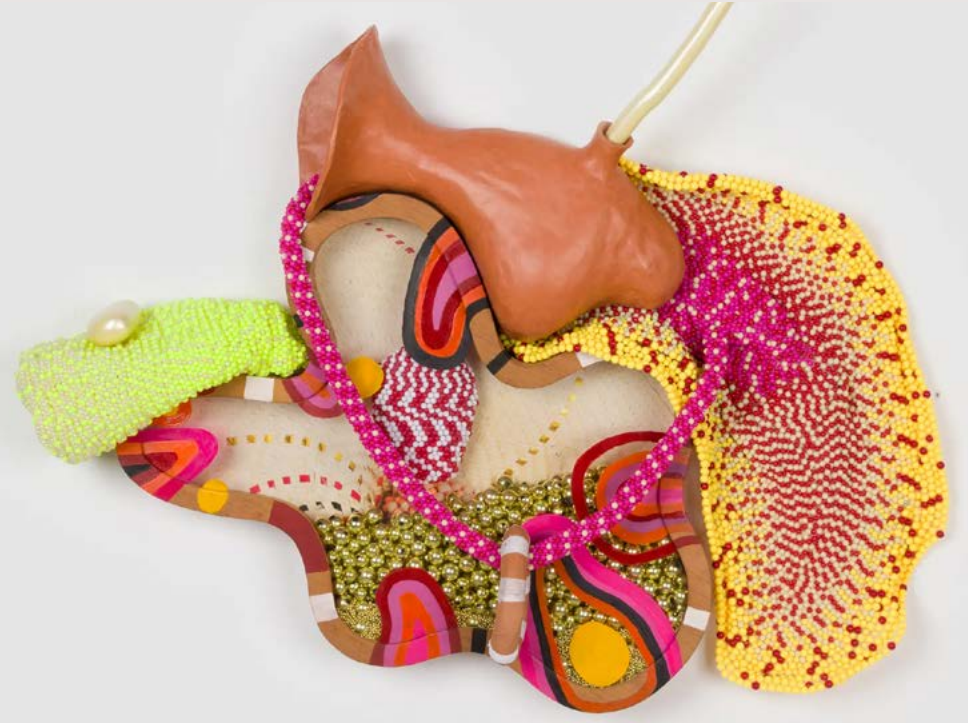
Maria Nepomuceno: I think it is important to mention that my work is definitely influenced by carnival. I'm very fond of this story, because people immediately think: "Oh, you're from Rio de Janeiro!" I really love carnival, but this influence doesn't come from my adult life, from street parades, samba schools, nothing of the sort. It comes from my childhood. When I was little, perhaps five or six years old, I spent my vacations with my father. He was from Paraná, in the south of Brazil, and he had a house in a small beachtown called Antonina. It was a beautiful colonial-style house on the seafront. And that tiny town had two samba schools: Capela and Batel. The basement of my father's house was Capela's sewing workshop, their barracão. And so I spent my holidays in the workshop of a samba school. It was a small town, but there were no street parades, only two samba schools, with different sections, drums, lots of costumes. It was amazing. To me those were the best vacations in the world. I was there, going through the materials, on that floor that was completely covered by them. I think that this relationship with the ground doesn't just come from the umbilical cord that was buried in the earth, but also from these very shiny materials scattered on the floor. I picked up costumes, glued them, made my own stuff, gathering whatever material fell to the ground. That childhood expe-

rience, spending my vacations in this workshop, was crucial for the materials I choose to use today, for all of this brilliance, and even for the reference to carnival, which at the end of the day very much goes back to that initial moment.

Artworks



Sem título [Untitled], 2026 (NEP 168)



Sem título [Untitled], 2026 (NEP 170)



Sem título [Untitled], 2026 (NEP 173)



Sem título [Untitled], 2026 (NEP 166)



Sem título [Untitled], 2026 (NEP 169)



Sem título [Untitled], 2026 (NEP 167)



Sem título [Untitled], 2026 (NEP 174)



Sem título [Untitled], 2026 (NEP 171)